

## COMENTÁRIO DE RADIOFONIA

Jairo Gerbase

### 1. O campo do significante

Existe um outro modo de informação distinta da mídia. Esta é uma primeira hipótese de Lacan, que visa contrariar a opinião corrente segundo a qual, a linguagem é um meio de comunicação, uma mass media. Diria que essa hipótese é lançada em “Função e campo da palavra e da linguagem”<sup>1</sup>, atravessa todo o seu ensino, e é retomada em sua última aula “O mal-entendido”<sup>2</sup>. Entre algumas hipóteses, ele defendeu que além de um meio de comunicação, a linguagem é um meio de mal-entendido, e acrescentou que isso foi o que Freud explorou. De tal maneira que, poderia, de imediato, adiantar, que nosso uso da linguagem, sem excluir que é um meio de comunicação, privilegia aquilo que ela tem de mal-entendido.

Saussure<sup>3</sup> e o Círculo de Praga<sup>4</sup> produzem uma lingüística nova cuja origem, segundo Lacan, deve ser buscada nos estóicos, nas doutrinas dos filósofos gregos

---

<sup>1</sup> escritos

<sup>2</sup> LACAN, J. Seminário Dissolução,

<sup>3</sup> Ferdinand de Saussure - A origem da lingüística científica de orientação estruturalista do século XX é geralmente identificada com a obra de Saussure, que serviu de ponto de partida para novos métodos e teorias, como as da escola de Praga, surgida na década de 1920, as de Edward Sapir e as da lingüística estrutural americana. Ferdinand de Saussure nasceu em Genebra, Suíça, em 26 de novembro de 1857. Cursou lingüística na universidade alemã de Leipzig e, ainda estudante, publicou seu único livro, um brilhante estudo em lingüística comparativa que firmou sua reputação: *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1879; *Memória sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-européias*). Posteriormente estudou sânscrito, celta e indiano, em Berlim. Em 1880 doutorou-se em Leipzig com a tese *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit* (*Sobre o emprego do genitivo absoluto em sânscrito*). No ano seguinte tornou-se professor da École des Hautes Études, em Paris. Voltou à Suíça em 1891 e lecionou sânscrito e línguas indo-européias na Universidade de Genebra. Em 1907 iniciou nessa instituição os célebres cursos de lingüística geral, que se estenderiam até sua morte. Neles, Saussure estabeleceu vários pressupostos teóricos que abriram caminho à evolução dos estudos lingüísticos durante toda a primeira metade do século XX. Ao estudar o conjunto de fenômenos ligados ao uso da linguagem, Saussure distinguiu, como aspectos complementares e interdependentes, a língua (*langue*), "único e verdadeiro objeto" da lingüística; e a fala (*parole*), ou discurso, fenômeno individual, concreto e pessoal, que permite ao lingüista, mediante métodos específicos, estudar a língua. Saussure define língua como um sistema abstrato, comum a todos os membros de uma comunidade lingüística -- e consequentemente de caráter social -- e também como um sistema arbitrário de signos. A lingüística, portanto, faria parte de uma ciência mais ampla: a semiótica ou ciência geral dos signos. O signo lingüístico seria o resultado da combinação entre um significante (camada sonora) e um

Zenão de Cício<sup>5</sup> (340-264) e seus seguidores Cleanto<sup>6</sup> (séc. III a.C.), Crisipo<sup>7</sup> (280-208) e os romanos Epicteto<sup>8</sup> (c.55-c.135) e Marco Aurélio<sup>9</sup> (121-180).

---

significado (conceito). O [estruturalismo](#), conforme exposto na obra de Saussure, baseia-se na convicção de que o complexo inter-relacionamento dos signos na estrutura lingüística torna possível a organização da língua como forma, independente da substância (quer a substância fônica do significante, quer a substância conceitual do significado) em que essa forma se realize. Na investigação de um sistema lingüístico, distinguiu o estudo sincrônico, que considera uma língua em tempo e lugar determinados, e o estudo diacrônico, que examina sua evolução histórica. Em ruptura com a tradição historicista dominante no século XIX, priorizou o estudo sincrônico, que permite compreender a estrutura essencial de uma língua. Ferdinand de Saussure morreu em Genebra, em 22 de fevereiro de 1913. O *Cours de linguistique générale* (1916; *Curso de lingüística geral*), obra póstuma que lhe deu notoriedade, é fruto dos cursos ministrados durante os últimos anos de vida do autor na Universidade de Genebra, recolhidos e organizados por seus discípulos [Charles Bally](#) e Albert Séhachay.

<sup>4</sup> Círculo Lingüístico de Praga - Escola de lingüistas fundada na cidade de Praga, em 1926. Baseada nas premissas estruturalistas da linguagem de Ferdinand de Saussure, centrou-se em investigações fonológicas.

<sup>5</sup> Zenão de Cício (c.335-c.263 a.C.) - Filósofo grego. Fundador da escola estóica de Atenas, que influenciou a evolução do pensamento filosófico e ético nos períodos helenístico e romano.

<sup>6</sup> Cleantes (c.331-c.232 a.C.) - Filósofo grego. Liderou a escola estóica após a morte de Zenão de Cício. Fragmentos de suas obras encontram-se nos trabalhos de Diógenes Laércio e Estobeu. Autor de um hino a Zeus.

<sup>7</sup> Crisipo (280-205 a.C) - Filósofo grego nascido na Anatólia. Um dos principais estóicos, de complexo formalismo sobretudo no campo da lógica.

<sup>8</sup> Epicteto - A conotação espiritual e religiosa dos ensinamentos de Epicteto explica sua forte influência sobre os primeiros pensadores cristãos. Epicteto nasceu provavelmente em Hierápolis, localidade da Frígia, na Anatólia, por volta do ano 55. Seu nome, que significa "adquirido", se deve ao fato de ter sido escravo em Roma durante a infância e a adolescência. Libertado mais tarde, aderiu à filosofia estóica e formou, com Sêneca e Marco Aurélio, a tríade de nomes mais conhecidos da segunda fase do estoicismo. No ano 90, Epicteto foi expulso de Roma com outros filósofos, por ordem do imperador [Domiciano](#), como reação à postura estóica, contrária à tirania. Mudou-se então para Nicópolis, em Épiro. Epicteto não deixou escritos. Os ensinamentos que transmitiu em vida foram recolhidos por seu discípulo Flávio Arriano nos *Discursos de Epicteto* e os aforismos e ensinamentos éticos, no *Enquiridion* ou *Manual*. A verdadeira educação consiste para ele em reconhecer que somente uma coisa pertence cabalmente ao indivíduo: sua vontade, que não pode ser constrangida ou limitada por nenhum poder humano, pois é concedida pela divindade. Epicteto morreu por volta de 135, em Nicópolis.

<sup>9</sup> Marco Aurélio - Conhecido como imperador-filósofo especialmente pelo livro *Meditações*, Marco Aurélio, no entanto, não foi um pensador original, pois suas idéias se inspiraram no estoicismo de Epicteto. Para muitos historiadores, no entanto, seu reinado coincidiu com a idade de ouro do Império Romano.

César Marco Aurélio Antonino Augusto, cujo nome original era Marco Ânio Vero, nasceu em Roma em 26 de abril do ano 121. Ao nascer, a família gozava de grande prestígio: o avô paterno era cônsul e prefeito de Roma; uma tia paterna casara com Tito Aurélio Antonino, que veio a ser imperador e a quem Marco Aurélio sucederia; e a avó materna herdou uma das maiores fortunas de Roma. Conviveu assim Marco Aurélio com a fortuna e o poder. Recebeu de mestres gregos esmerada educação humanística. No ano 136, o imperador Adriano anunciou como sucessor Lúcio Cômodo, que morreu dois anos depois. Adriano escolheu então Antonino para suceder-lhe, com o compromisso de adotar como filhos dois jovens: [Lúcio Vero](#), filho de Cômodo, e Marco Aurélio. Este, então com 17 anos, e o irmão adotivo, tornaram-se sucessores naturais do imperador. Marco Aurélio foi três vezes cônsul e casou-se, em 145, com a filha do imperador, Faustina. Dois anos depois recebeu o *imperium* e a *tribunicia potestas*, os maiores poderes formais do império. Com a morte de Antonino, no ano 161, assumiu o trono com Lúcio Vero. Entre 162 e 166, guerrearam contra os partos, que invadiram a Síria. Os romanos, comandados por Vero, voltaram vitoriosos, mas trouxeram a peste, que dizimou muitas vidas e evidenciou a vulnerabilidade do império. Em 168, enquanto Marco Aurélio e Vero realizavam uma expedição punitiva ao longo do Danúbio, hordas germânicas invadiram a Itália e sitiaram Aquiléia. Os dois voltaram-se contra os invasores e os esmagaram, mas em 169 Vero morreu subitamente. Marco Aurélio continuou a luta e restaurou a fronteira do Danúbio. Tratou então de pacificar as províncias do Oriente. Visitou Antioquia, Alexandria e Atenas. Na viagem, morreu a imperatriz Faustina. No ano 177, Marco Aurélio

Essa nova lingüística se caracteriza pelo corte, pela barra colocada entre o significante e o significado. [S/s]. A relação do significante e do significado é uma relação complexa. Para que um significante produza algum tipo de efeito no significado é preciso transpor essa barra, que não é uma simples barra de fração, mas uma barra que pode ser chamada de barra do real. Portanto, já temos aí uma questão importante: a relação do significante com o significado depende da transposição dessa barra que não se faz facilmente.

Primeiramente usado por Saussure para o sistema do fonema, para explicar nosso acesso à língua, com Lacan, que notara que havia algo em comum com a pesquisa de Freud, tentou estender este estudo, que se aplicava ao signo lingüístico, a toda a rede do simbólico. E creio que Lacan dá um passo a mais na medida em que diz que em Saussure a relação do significante e do significado é uma relação entre uma imagem significante e um conteúdo significado. Se disser a palavra árvore, se apreende ao mesmo tempo a imagem significante e o que ela suscita como significado literal e metafórico: o vegetal e a árvore circulatória ou genealógica, etc. Dessa relação se sustenta a definição da linguagem como meio de comunicação.

Porém, Lacan quer explorar uma outra propriedade dessa relação do significante e do significado. Na passagem do significante ao significado e por conta da resistência da barra, se produz um efeito de sentido que chamamos de sujeito e escrevemos com essa letra [\$].

Em que Freud antecipa Saussure? No fato de que Saussure explora no signo lingüístico [S/s] o efeito de significado de um significante que é chamado de conteúdo significado e Lacan diz que Freud explora um outro tipo de efeito de significado de um significante que é chamado de efeito de sujeito.

Do sujeito pode-se dizer muitas coisas e a primeira delas é que é um efeito de sentido do significante, o que quer dizer, sobretudo que é sem conteúdo. O sintoma

---

dividiu o governo com seu filho Cômodo, com quem retomou as guerras do Danúbio. Apesar das guerras e dos afazeres do governo, Marco Aurélio escreveu vasta correspondência e deixou um pequeno livro, que condensa todo seu pensamento: *Meditações*. De aparência fragmentária, por ter sido escrito nos curtos intervalos de seus muitos afazeres, *Meditações* deriva diretamente da doutrina de Epicteto, mas dela se afasta em poucos pontos mais próximos ao neo-platonismo, para o qual convergiam na época todas as filosofias não cristãs. Ensina que o ideal a ser buscado não é a felicidade, mas a tranquilidade e o domínio das paixões e emoções, que se obtêm pela harmonia com a natureza e a aceitação de suas leis. O livro é um ato de fôra razão e na coragem ante a adversidade. Marco Aurélio morreu em 17 de março de 180, provavelmente em Vindobona (Viena).

da dúvida, o que Freud denominou de *Zweiffel*, que se nos apresenta em geral como indecisão ou insegurança para decidir alguma coisa, decidir, por exemplo, se deve ou não deve emprestar uma importância a um irmão que está em situação financeira delicada, levou um sujeito em particular a desenvolver um quadro de ansiedade pânica, por não saber decidir se devia seguir o pacto da família, segundo o qual os irmãos devem ser solidários.

Esse é um pacto muito generalizado apesar de pouco cumprido. Chego a pensar que é um pacto inclusive que pode levar a uma situação paranóica, porque, se levado a sério, todo outro sujeito que não for familiar, que for estranho, está condenado a ser inimigo. Confiar somente no irmão. Feito esse pacto o sujeito fica obrigado a aceitá-lo ou a contrariá-lo e no segundo caso pode implicar num sintoma.

Então, o sujeito fica na dúvida – ser ou não ser solidário com um irmão – e esse tipo de dúvida, Freud afirmou que se apresentava sempre na forma de derivados, de elaborações secundárias. Apresentava-se como dúvida entre ser médico ou psicólogo, ser homo ou heterossexual, e ele propunha que se procurasse na experiência psicanalítica a dúvida primária, que se remontasse, na técnica da análise da obsessão, as dúvidas secundárias até se chegar à dúvida primária, a primeira dúvida.

Quando se faz esse exercício que Freud propôs, se chega ao impasse que ele próprio encontrou na técnica que é o de dizer: pode ser que essa dúvida não seja a última, pode ser que essa dúvida não seja primária, pode ser que seja encobridora, o que coloca o que é primário em dúvida e leva-nos a dizer que a dúvida primária é sem conteúdo. Freud perseguia o motivo da dúvida e no caso do homem dos ratos, por exemplo, dá como primeiro motivo da dúvida a “dívida simbólica”. Mas essa também é uma elaboração secundária. De tal maneira que quando se procura a dúvida primária o que verificamos é que ela é sem conteúdo, que há sempre a chance de dizer esta não é ainda a primeira dúvida.

O primário nunca é aquilo que encontramos na realidade, aquilo que motivou ou desencadeou o sintoma. Essa é a noção de primário. Ela se aplica no mesmo sentido ao recalque primário. O primário é, então, o que não está no nível da experiência. É o que é mítico, ou hipotético, ou axiomático, ou indemonstrável.

Ao contrário de Saussure que aplicou esse sistema à fonologia, com Freud e Lacan se quer estudar o efeito de sentido de um significante, que é sem conteúdo, portanto primário, e que chamamos sujeito. É uma das definições do sujeito. O sujeito é primário. É o efeito de sentido de um significante e é sem conteúdo. Nesse sentido podemos dizer que a dúvida primária ou o recalque primário, dado que é inefável, é real. E podemos concluir que dizer que é sem conteúdo é mesmo a definição do real. E para fazer um dialeto podemos dizer que essa concepção do sujeito permite defini-lo como real. Quer dizer que não podemos lhe dar nenhum atributo.

Isso tudo é dito a respeito do significante, do S maiúsculo. Do outro lado há o significado, o s minúsculo, o outro termo que a barra separa, o termo subordinado, que deverá doravante, isto é, depois desse corte inaugural que envolve a lingüística de Saussure e do Círculo de Praga e a psicanálise de Freud, ser pensado cientificamente na dependência da existência de um campo do significante, no mesmo sentido em que se diz campo da física, que é o campo da ciência.

O campo da física, o campo da ciência é definido prioritariamente em função de um material que dá a unidade das ciências físicas, o átomo, ou melhor, as partículas subatômicas. O campo do significante, ou seja, o campo da linguagem, por sua vez é definido em função de um material que dá a unidade das ciências da linguagem, o significante, ou melhor, suas psartículas.

Psartículas é um neologismo resultante da condensação de *Psi*, inicial de psique usada por Freud em seu “Projeto de uma psicologia científica”<sup>10</sup> e partículas que é o termo dos físicos. Nessa ocasião ele chega a dizer que não existiria o conceito de partículas se não houvesse o funcionamento dessa coisa que se chama pensamento e que seria mais apropriado denominar de linguagem<sup>11</sup>.

O campo do significante pode ser pensado tal como pensamos o campo da física porque temos um material que dá a unidade desse campo, o significante, que é um objeto sensível. O significante se apreende por um órgão do sentido, o ouvido, o que significa dizer que se apreende como voz, como um objeto tangível. Por intermédio desse objeto-significante estabelecemos a comunicação humana, seja o bem-entendido seja o mal-entendido.

---

<sup>10</sup> FREUD, S. Vol.

<sup>11</sup> LACAN, J. Nomina non sunt consequentia rerum. L’insu-que-sait...

Esse é um ponto de partida fundamental em Lacan, dizer que tal como a física, a psicanálise trabalha com um objeto tangível, experimental que é o significante e que produz um tipo de efeito que chamamos de efeitos subjetivos – o efeito sujeito, efeito de sentido de um significante. Essa é uma tese em torno da qual Lacan sempre girou, por exemplo, na “Conferência de Genebra”<sup>12</sup>.

Ao contrário do que estamos habituados a supor o campo da física não poderia existir se não houvesse o campo do significante. A física só é possível porque há essa coisa chamada pensamento, que se devia chamar linguagem e que nos permite conceber as partículas. Então é uma tentativa de dar absolutismo ao campo do significante. A partícula física não seria pensável se não houvesse pensamento. Se não houvesse ser falante, se não houvesse linguagem, se não houvesse pensamento, não poderia haver física.

Então não há nada de impressionante no fato de que Lacan queira, respondendo a um jornalista, afirmar que Freud funda um campo do significante e nesse sentido antecipa Saussure. Quer dizer que para o físico pensar sua partícula ele não pode dispensar a ajuda do significante, o significante partícula, no caso. Inclusive Quine, estudando o que é a metáfora, lembra que a teoria molecular dos gases emergiu como uma metáfora engenhosa: os imaginários corpúsculos passaram a ser entendidos como reais e o significante corpúsculo passou a designar todos eles antes mesmo de as moléculas terem sido observadas através dos microscópios eletrônicos<sup>13</sup>.

Neste texto *Radiofonia*<sup>14</sup> contudo a intenção de Lacan é propor que a significação, o que vai resultar da relação do significante com o significado, o que as coisas querem dizer, não seja doravante considerada como óbvia: que seja claro quando é dia, por exemplo, não devia ser tão óbvio. Essa idéia supõe que os nomes são consequência das coisas, embora para Lacan seja justamente o contrário: as coisas são consequência dos nomes<sup>15</sup>.

Se o método psicanalítico se sustenta do uso da palavra (e desde que se aprendeu a chamar a palavra de significante ela já não tem mais o sentido de palavra), se o método se utiliza do significante tem por obrigação investigar o que

---

<sup>12</sup> LACAN, J. *Le Block Notes*

<sup>13</sup> QUINE, W. V. *Reflexões posteriores sobre a metáfora*.

<sup>14</sup> LACAN, J. *Autres écrits*. P.

<sup>15</sup> LACAN, J. *Nomina non sunt consequentia rerum. L'insu-que-sait...*

realmente significa um nome e qual a relação que ele tem com a coisa que quer significar.

Aqui vale a pena notar que Freud, em seu estudo sobre a elaboração onírica faz uma referência à ‘significação antitética das palavras primitivas’: “Alguns filólogos têm afirmado (ele pensava em Abel) que, nos idiomas mais antigos, os contrários, tais como ‘forte-fraco’, ‘claro-escuro’, ‘grande-pequeno’, são expressos pelas mesmas raízes verbais. Assim, no idioma egípcio antigo, ‘*ken*’ originalmente significava ‘forte’ e ‘fraco’ ”.<sup>16</sup> Para fazer a distinção é preciso apor a figura humana de pé, quando é forte, ou agachada, quando é fraco. São convenções. Isto quer dizer que a relação entre o nome e aquilo que ele nomeia, a coisa, não é natural.

Mais tarde a lingüística se especializou com o uso dos fonemas. O primeiro trabalho de Saussure, ‘o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-européias’, já o encaminhou nessa direção de privilegiar o significante, na direção segundo a qual as coisas são conseqüência dos nomes.

Por outro lado, há outra disciplina que toma outra direção, a semiótica ou semiologia, a ciência geral dos signos, que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas de signos, isto é, sistemas de significação. Em oposição à lingüística, que se restringe ao estudo dos signos lingüísticos, ou seja, da linguagem, a semiologia tem por objeto qualquer sistema de signos (imagens, gestos, vestuários, ritos).

O que Lacan quer denunciar acerca dessa disciplina é que ela toma o signo como objeto com a intenção de fazer obstáculo a essa apreensão do significante como ferramenta que não serve apenas para compreender o signo lingüístico e aplicar-se a fonologia, mas todo universo simbólico. A definição semiológica do signo diz que o signo significa alguma coisa para alguém, que o signo serve para que alguém se aproprie da linguagem como de uma ferramenta. Ela faz uso do significante tal como faz uso da imagem, do gesto, do rito, etc. Esse conceito retardou o corte da lingüística moderna, até porque, nessa doutrina da semântica, o peso dado à coisa faz dela o referente do significante. Com a psicanálise Freud inaugura uma outra coisa, que deve ser escrita assim - Acoisa - tradução de sua *Das Ding*.

---

<sup>16</sup> FREUD. S. A elaboração onírica. Conferência XI. Vol. XV.

As propostas da semântica, do estudo da relação de significação nos signos e da representação do sentido dos enunciados, são muitas, vai da opinião ao conceito. Seus investigadores se unem em torno da idéia da *signatura rerum*, da assinatura das coisas, da prevalência da analogia natural sobre o simbolismo. Em um dos *Escritos*, Lacan assim se exprime:

“Se o inconsciente pode ser objeto de uma leitura com que se esclareceram tantos temas míticos, poéticos, religiosos e ideológicos, não é porque introduza em sua gênese o elo intermediário de uma espécie de significatividade da natureza no homem, ou de uma *signatura rerum* mais universal, que estivesse no princípio de seu possível ressurgimento em qualquer indivíduo. O sintoma psicanalisável, seja ele normal ou patológico, distingue-se não apenas do índice diagnóstico, mas de qualquer forma apreensível de pura expressividade, por se sustentar numa estrutura que é idêntica à estrutura de linguagem. E com isso não nos referimos a uma estrutura a ser situada numa pretensa semiologia generalizada, a ser arrancada de seu limbo, mas à estrutura de linguagem tal como se manifesta nas línguas que chamarei positivas, as que são efetivamente faladas por massas humanas”.<sup>17</sup>

Essa opção pelo mito já levou a muitas variantes como a teoria do simbolismo e a telepatia.

A semiótica faz unidade na medida em que engancha a linguagem à função da comunicação. O desafio é que o pensamento pode se comunicar sem palavras. A lingüística por outro lado, permanece ligada à idéia de que o pensamento se comunica com a palavra.

A saída que se propõe é apelar para o conceito de diálogo e de afeto. O diálogo é a troca de conceitos, com vista à comunicação. Originalmente, no teatro, era um colóquio entre os atores. O afeto é tomado e confundido com Acoisa, com a

---

<sup>17</sup> LACAN, J. A psicanálise e seu ensino. *Escritos*, p. 445. Ver também p. 599.



finalidade de fazer oposição à independência da palavra em relação à coisa e assim negar o absolutismo do significante na linguagem.

Isso começa com a história do “Todo” e se continua com a teoria dos conjuntos. “Todo homem é mortal”, começa Aristóteles.

Opõe-se a isso o conceito de um sujeito de origem marcado pela divisão o que significa opor-se à idéia de que a linguagem é um meio de comunicação de massa. O poeta tenta contradizer essa idéia ao perceber que o significante na poesia funciona sozinho (*va de soi*). Não é bem assim na origem, na *República* nem no *Crátilo*; lá as palavras parecem ser besteirinhas a que damos muita importância.

Então, conclui Lacan, “o formalismo foi imprescindível para sustentar os primeiros passos da lingüística”; mas, ela foi “antecipada” pelos tropeços dos passos da linguagem, da palavra. A ordem de fatos que Freud chama de o inconsciente é isso: o sujeito não sabe quem diz nem o que diz; quando alguma coisa é dita o é pela palavra que lhe falta, mas também por uma conduta singular, que ele crê ser sua. Disso resulta fácil situá-lo no cérebro como quer a neurofisiologia. Prova disso é que o sujeito dorme.

Na filosofia, por sua vez, o sujeito pode ser definido em relação ao *fading*, em relação ao cansaço. É o esforço que nasce da fadiga, diz Levinas, não o contrário; o cansaço independe do esforço; o cansaço é fruto da relação entre o sujeito e si próprio, não entre o sujeito e o mundo.<sup>18</sup>

Então, ao enunciar que Freud antecipa a lingüística Lacan libera sua fórmula de que o inconsciente é a condição da lingüística. Trata-se de uma espécie de convite à lingüística a abandonar as ciências humanas.<sup>19</sup> Não é o caso, como se faz na Universidade, de tratar o assunto como tema de tese: influencia do gênio de Sigmund Freud sobre o gênio de Ferdinand de Saussure. Mas, é interessante imaginar o que resultaria da comunicação deles antes da existência do rádio.

Porém, o que Saussure se dá conta e que Freud antecipa é, em particular, as noções de condensação e deslocamento, de *Verdichtung* e de *Verschiebung*, a metáfora e a metonímia lacanianas, também aplicadas por Jakobson à poética.

---

<sup>18</sup> Sérgio Augusto de Andrade. O fascínio do cansaço. Bravo 65, Editora D’Avila, SP, Fevereiro de 2003.

<sup>19</sup> Jan Baudouin de Courtenay (1845-1929) - Lingüista polonês, Um dos pioneiros da fonologia. Ensaio sobre uma teoria da alternância fonética (1895).

Três referências aqui são fundamentais: a primeira é encontrada em “a elaboração onírica”, de Freud, da qual cito um fragmento:

...o trabalho que transforma o sonho latente no sonho manifesto se chama *elaboração onírica*.... A primeira realização da elaboração onírica é a *condensação*. Entendemos, com isso, que o sonho manifesto possui um conteúdo menor do que o latente, e é deste uma tradução abreviada, portanto... A condensação se realiza da seguinte maneira: determinados elementos latentes, que têm algo em comum, se combinam e se fundem em uma só unidade no sonho manifesto... Os senhores se recordam do jovem senhor que se prontificou a ‘*begleitdigen*’ [‘*begleiten* (acompanhar)’ + ‘*beleidigen* (insultar)’] uma senhora... A imaginação ‘criativa’ realmente é bastante incapaz de *inventar* qualquer coisa; ela pode apenas combinar entre si componentes que são estranhos... A elaboração onírica, muito ao contrário, procura condensar dois pensamentos diferentes buscando (como um chiste) uma palavra ambígua na qual os dois pensamentos se possam juntar... A segunda realização da elaboração onírica é o *deslocamento*... já sabemos que é inteiramente obra da censura dos sonhos. Manifesta-se de duas maneiras: na primeira, um elemento latente é substituído não por uma parte componente de si mesmo, mas por alguma coisa mais remota, isto é, por uma alusão; e, na segunda, o acento psíquico é mudado de um elemento importante para outros sem importância, de forma que sonho parece descentrado e estranho... O deslocamento do acento é um método sem igual de expressar pensamentos. Algumas vezes o utilizamos no pensamento desperto, a fim de conseguir um efeito cômico. Talvez eu possa recriar aqui a impressão de alheamento causada por esse método recordando uma anedota. Numa aldeia havia um ferreiro que cometera um crime capital. O júri decidiu que o crime devia ser punido; porém, como o

ferreiro era o único na aldeia e era indispensável, e como, por outro lado, lá viviam três alfaiates, um destes foi enforcado em seu lugar...<sup>20</sup>

A segunda é encontrada em “a instância da letra no inconsciente”, de Lacan, da qual também cito um fragmento:

Escritos p.515 e 518<sup>21</sup>

A terceira é encontrada em “dois tipos de linguagem e dois modos de afasia”, de Jakobson, da qual uma vez mais cito um fragmento:<sup>22</sup>

A metáfora é a metonímia são as duas leis fundamentais do funcionamento do inconsciente. Elas se distinguem em função da transposição da barra que separa o significante do significado. Essa transposição implica sempre em perda de gozo e é ela que nos dá a noção de sentido da realidade. A perda da realidade é a perda de sentido.

A fórmula: o inconsciente é a condição da lingüística não é para ser confundida com o inconsciente é a condição da linguagem: a linguagem é a condição do inconsciente. O efeito que se propaga não é de comunicação da palavra, mas de deslocamento do discurso.

---

<sup>20</sup> Freud. A elaboração onírica. Conferência XI. Vol. XV.

<sup>21</sup> Lacan. A instância da letra no inconsciente. *Escritos*.

<sup>22</sup> Roman Jakobson. Lingüística e comunicação. Cultrix.